



Use o QRCode para acessar o Caderno Cultural na Internet, com mais artigos e links citados.

Papa Francisco: fascinado pelo amor de Deus

O que faz com que um cristão seja uma pessoa especial? São Paulo nos lembra que entre nós não existem muitos sábios ou poderosos, mas o que temos de valor e podemos oferecer ao mundo é apenas o próprio Cristo (cf. 1Cor 1,20-30). Não foi por algum tipo de jogada midiática ou de concessão à mentalidade hegemônica que o Papa Francisco se tornou tão amado

e aclamado em nosso tempo. Foi por sua ternura e sua capacidade de amar – mas tais características, ainda que potencializadas por seu tipo humano, têm uma origem: sua gratidão, cheia de fascínio e compromisso, pelo amor misericordioso com o qual Deus o cumulou. Neste *Caderno Fé e Cultura*, procuramos, entre seus muitos escritos e pronunciamentos, algumas

palavras que nos permitem entrar mais na sua espiritualidade e no seu coração. Não procuramos um retrato analítico de seu pensamento, mas sim um encontro cheio de afeto com a subjetividade deste homem que foi sinal claro de amor de Deus por todos nós.

Seleção de textos por Francisco Borba Reibeiro Neto



Vatican Media

A fé, para mim, nasceu do encontro

“Dado que a verdade testemunhada pela fé é a do amor, resulta claramente que a fé não é intransigente, mas cresce na convivência que respeita o outro. O crente não é arrogante; pelo contrário, a verdade torna-o humilde, sabendo que, mais do que possuímos-la nós, é ela que nos abraça e possui. Longe de nos endurecer, a segurança da fé põe-nos a caminho e torna possível o testemunho e o diálogo com todos’ (*Lumen fidei*. LF 34). Este é o espírito que me anima nas palavras que lhe escrevo.

A fé, para mim, nasceu do encontro com Jesus: um encontro pessoal, que tocou o meu coração e deu uma direção e um sentido novo à minha existência; mas, ao mesmo tempo, um encontro que se tornou possível pela comunidade de fé em que vivi e graças à

qual encontrei o acesso ao entendimento da Sagrada Escritura, à vida nova que flui, como jorros de água, de Jesus por meio dos sacramentos, à fraternidade com todos e ao serviço dos pobres, verdadeira imagem do Senhor. Sem a Igreja – creia-me! – eu não teria podido encontrar Jesus, embora ciente de que este dom imenso da fé está guardado em frágeis vasos de barro que é a nossa humanidade.

Ora, é precisamente a partir desta experiência pessoal de fé vivida na Igreja que me sinto à vontade para perscrutar as suas perguntas e procurar, juntamente com o senhor, as estradas ao longo das quais podemos talvez começar a fazer um pedaço de caminho juntos”.

(*Carta ao diretor do jornal italiano La Repubblica*, Eugenio Scalfari, 4/set/2013)

Contemplar sempre a misericórdia

“Eu sou um pecador. Esta é a melhor definição. E não é um modo de dizer, um gênero literário. Sou um pecador [...] Sou um pecador para quem o Senhor olhou. Sou alguém que é olhado pelo Senhor. A minha divisa, *Miserando atque elegendo* [tirada de uma Homilia de São Beda, o Venerável, comentando a vocação de São Mateus], senti-a sempre como muito verdadeira para mim” (Papa Francisco, respondendo à pergunta “Quem é Jorge Mário Bergoglio?”, em *entrevista a Padre Antonio Spadaro*, 19/ago/2013).

“Precisamos sempre contemplar o mistério da misericórdia. É fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa salvação. Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. Misericórdia: é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia:

é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado” (*Misericordiae Vultus*, MV 2).

“A viga que suporta a vida da Igreja é a misericórdia. Toda a sua ação pastoral deveria estar envolvida pela ternura com que se dirige aos crentes; no anúncio e testemunho que oferece ao mundo, nada pode ser desprovido de misericórdia [...] Sem o testemunho do perdão, resta apenas uma vida infértil e estéril, como se se vivesse em um deserto desolador [...] O perdão é uma força que ressuscita para nova vida e infunde a coragem para olhar o futuro com esperança” (MV 10).

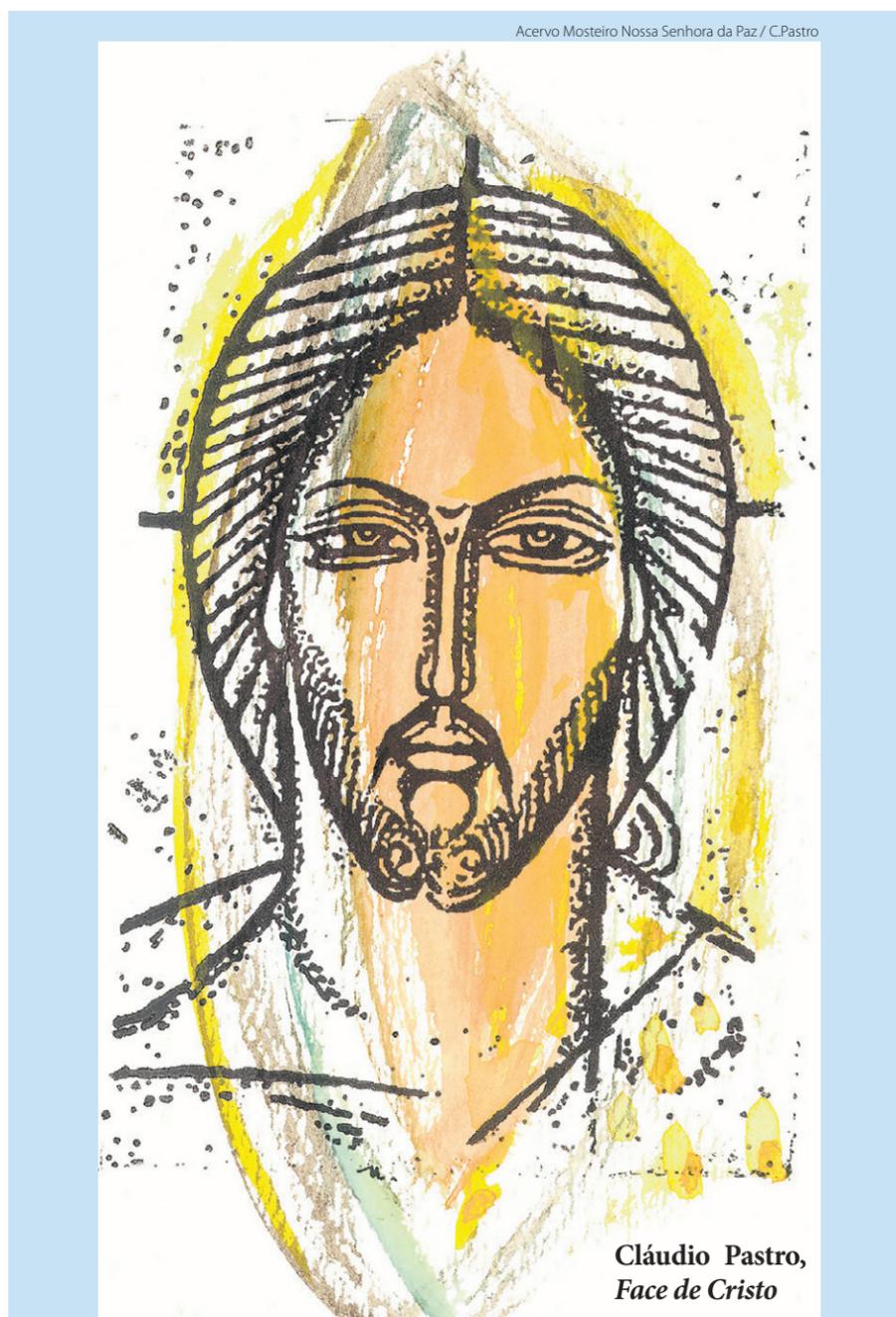
O testemunho de um enamorado por Cristo

“A boca fala do que o coração está cheio” (Mt 12,34). O Papa Francisco, dirigindo-se aos jovens, na exortação **Christus Vivit** (CV), deu um claro testemunho do que preenchia seu coração

“**CRISTO VIVE:** é Ele a nossa esperança e a mais bela juventude deste mundo! Tudo o que toca torna-se jovem, fica novo, enche-se de vida. Por isso, as primeiras palavras que quero dirigir a cada jovem cristão são estas: Ele vive e quer-te vivo! [...] A todos os jovens, independentemente das circunstâncias em que se encontrem, quero agora anunciar o mais importante, as coisas primeiras, aquilo que nunca se deveria silenciar [...] três grandes verdades que precisamos escutar sempre de novo” (CV 1,111):

Deus ama você. “Nunca duvide disto na sua vida, aconteça o que acontecer. Em toda e qualquer circunstância, Ele é infinitamente amado [...] Algumas vezes [Ele] apresenta-Se como aqueles pais carinhosos que brincam com seus filhos: ‘Segurava-os com laços humanos, com laços de amor, fui para eles como os que levantam uma criancinha contra o seu rosto’ (Os 11, 4). [...] Em outras] com um amor entranhado que é incapaz de esquecer ou abandonar: ‘Acaso pode uma mulher esquecer-se do seu bebê, não ter carinho pelo fruto das suas entranhas? Ainda que ela se esquecesse dele, Eu nunca o esquecerá’ (Is 49,15). Mostra-Se até como um enamorado que chega a tatuar na palma da sua mão a pessoa amada, para poder ter o seu rosto sempre perto: ‘Eis que Eu gravei a sua imagem na palma das minhas mãos’ (Is 49,16). Outras vezes destaca a força e a firmeza do seu amor, que não se deixa derrotar: ‘Ainda que os montes sejam abalados e tremam as colinas, o meu amor por ele nunca mais será abalado, e a minha aliança de paz nunca mais vacilará’ (Is 54,10) [...] Faz-nos notar que Ele sabe ver a nossa beleza, aquela que ninguém mais pode individuar: ‘És precioso aos meus olhos, te estimo e te amo’ (Is 43,4). Ou leva-nos a descobrir que o Seu amor não é triste, mas pura alegria que se renova quando ele se deixa amar por Ele: ‘O Senhor, teu Deus, está no meio de ti como poderoso salvador! Ele exulta de alegria por tua causa, pelo Seu amor te renovará. Ele dança e grita de alegria por causa de você’ (Sf 3, 17)” (CV 112-114).

Cristo salva você. “Por amor, Cristo entregou-Se até ao fim para salvar a você. Os seus braços abertos na cruz são o sinal mais precioso de um amigo capaz de levar até ao extremo o seu amor: ‘Ele, que amava os seus que estavam no mundo,



Cláudio Pastro,
Face de Cristo

Ele está presente HOJE. “Se a Ressurreição fosse para nós um conceito, uma ideia, um pensamento; se o Ressuscitado fosse para nós a recordação da recordação de outros, ainda que com autoridade, como os Apóstolos, se não nos fosse dada também a nós a possibilidade de um verdadeiro encontro com Ele, seria como declarar esgotada a novidade do Verbo feito carne. Pelo contrário, a encarnação para além de ser o único acontecimento novo que a história conhece, é também o método que a Santíssima Trindade escolheu para nos abrir a via da comunhão. A fé cristã ou é encontro com Ele vivo, ou não é. A Liturgia garante-nos a possibilidade desse encontro. Não nos basta ter uma vaga recordação da Última Ceia: nós precisamos estar presentes nesta Ceia, de poder ouvir a Sua voz, de comer o Seu Corpo e beber o Seu Sangue: precisamos Dele. Na Eucaristia e em todos os sacramentos nos é garantida a possibilidade de encontrarmos o Senhor Jesus e de sermos alcançados pela potência da sua Páscoa [...] O Senhor Jesus, que ‘foi imolado sobre a cruz, mas não morrerá jamais; foi morto, mas agora vive para sempre’ (Prefácio Pascal III), continua a perdoar-nos, a curar-nos, a salvar-nos com a potência dos seus sacramentos” (*Desiderio Desideravi*, DD 10-11).

levou o Seu amor por eles até ao extremo’ (Jo 13, 1) [...] ‘Quantos se deixam salvar por Ele, são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento’ (*Evangelii gaudium*, EG 1). E, se você pecar e se afastar, Ele volta a levantar você com o poder da sua Cruz. Nunca esqueça que Ele perdoa setenta vezes sete. Volta uma vez e outra a carregar-nos nos seus ombros. Ninguém nos pode tirar a dignidade que este amor infinito e inabalável nos confere. Ele permite-nos levantar a cabeça e recomeçar, com uma ternura que nunca nos trai e sempre nos pode restituir a alegria. Nós fomos salvos por Jesus [...] Só

o que se ama pode ser salvo. Só o que se abraça, pode ser transformado. O amor do Senhor é maior do que todas as nossas contradições, que todas as nossas fragilidades e todas as nossas mesquinhas, mas é precisamente por meio das nossas contradições, fragilidades e mesquinhas que Ele quer escrever esta história de amor [...] Jesus perdoa-nos e liberta-nos gratuitamente. A Sua doação na Cruz é algo tão grande que não podemos nem devemos pagá-lo; devemos apenas recebê-lo com imensa gratidão e com a alegria de ser tão amados, ainda antes que o pudéssemos imaginar: ‘Ele nos amou primeiro’ (1 Jo 4,19)” (CV 119-120).

Ele vive! “É preciso recordá-lo com frequência, porque corremos o risco de tomar Jesus Cristo apenas como um bom exemplo do passado, como uma recordação, como Alguém que nos salvou há dois mil anos. De nada nos aproveitaria isso: deixava-nos como antes, não nos libertaria. Aquele que nos enche com a Sua graça, Aquele que nos liberta, Aquele que nos transforma, Aquele que nos cura e consola é Alguém que vive. É Cristo ressuscitado, cheio de vitalidade sobrenatural, revestido de luz infinita. Por isso, dizia São Paulo: ‘Se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé’ (1 Cor 15,17).

Mas, se Ele vive, então poderá estar presente em cada momento da sua vida, para a encher de luz. Assim, nunca mais haverá solidão nem abandono. Ainda que todos nos abandonem, Jesus permanecerá, como prometeu: ‘Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos’ (Mt 28,20). Ele tudo preenche com a Sua presença invisível e, para onde quer que você vá, lá estará Ele à sua espera. É que Ele não só veio, mas vem e continuará a vir todos os dias” (CV 124-125).

O Espírito dá vida Todos os dias, invoque o Espírito Santo, para que renove em você constantemente a experiência do grande anúncio [...] Deixe-se enamorar por Ele, porque – como se lê no estupendo poema *Enamora-te!*, de Pedro Arrupe – ‘nada pode ser mais importante do que encontrar Deus, ou seja, enamorar-se d’Ele de maneira definitiva e absoluta. Aquilo de que te enamoras, prende a tua imaginação e acaba por ir deixando a sua marca em tudo. Será isso a decidir o que te arranca da cama pela manhã, o que fazes no final da tarde, como transcorres os teus fins de semana, aquilo que lês, o que conheces, aquilo que te destroça o coração e o que te faz transbordar de alegria e gratidão. Enamora-te! Permanece no amor! Tudo será diferente’. Este amor de Deus, que se apodera apaixonadamente de toda a vida, é possível pelo Espírito Santo, porque ‘o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado’ (Rm 5,5)” (CV 131-132).

Para concluir, um desejo. “Queridos jovens, ficarei feliz vendo-os correr mais rápido do que os lentos e medrosos. Correi atraídos por aquele Rosto tão amado, que adoramos na sagrada Eucaristia e reconhecemos na carne do irmão que sofre. O Espírito Santo os impulse nesta corrida para a frente. A Igreja precisa do ímpeto de vocês, das suas intuições, da sua fé. Nós temos necessidade disto! E quando chegarem aonde nós ainda não chegamos, tenham a paciência de esperar por nós” (CV 299).

O caminho dos santos

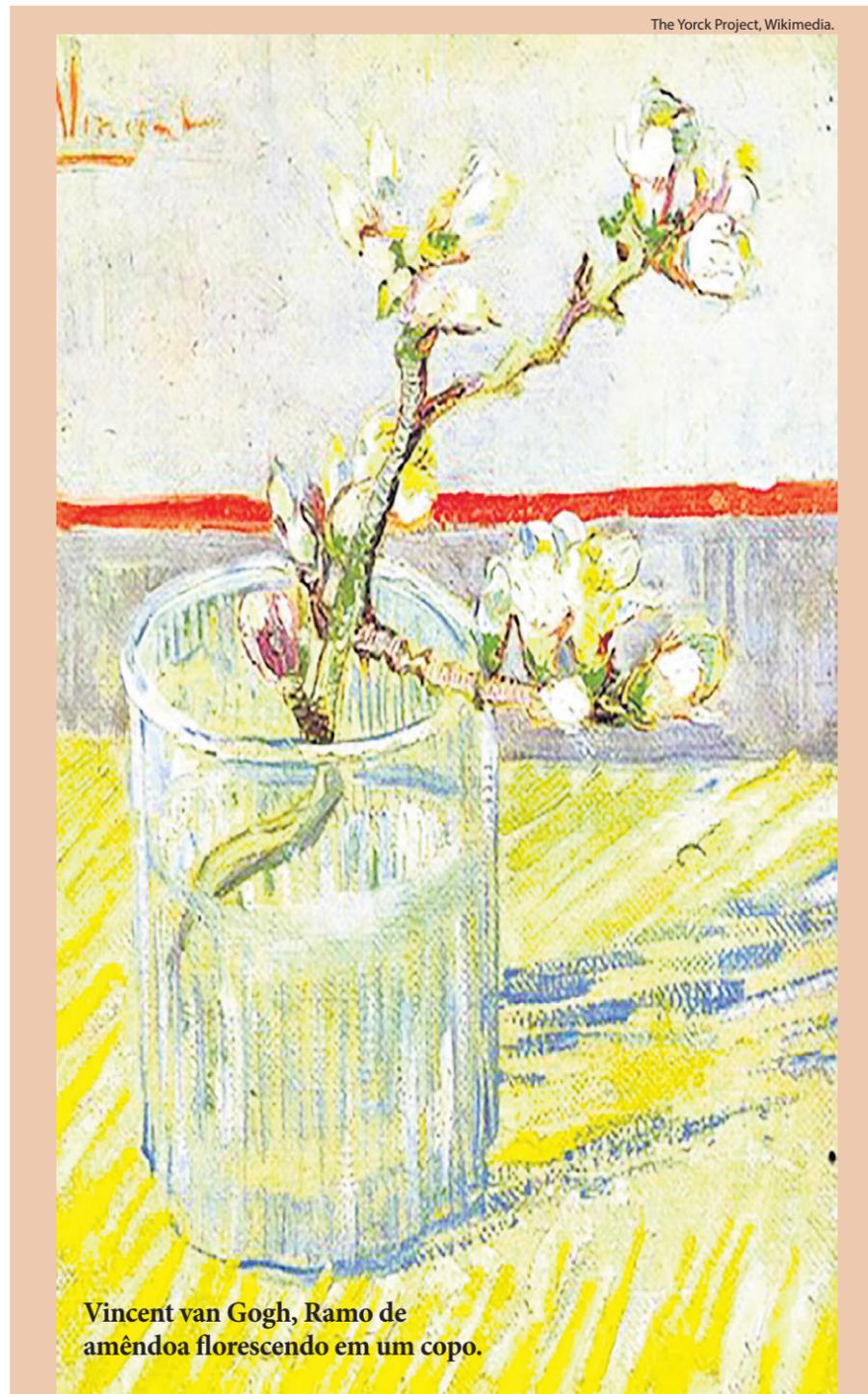
Felizes os santos, pois, apesar de todas as provações, vivem a alegria da companhia e da proteção do Senhor. Na *Gaudete et Exsultate* (GE), O Papa Francisco apresenta “um programa de vida”, a própria identidade dos que encontraram Cristo e querem viver em Sua companhia

“Jesus explicou, com toda a simplicidade, o que é ser santo; fê-lo quando nos deixou as bem-aventuranças (cf. Mt 5,3-12; Lc 6,20-23) [...] Nelas está delineado o rosto do Mestre, que somos chamados a deixar transparecer no dia a dia da nossa vida. A palavra ‘feliz’ ou ‘bem-aventurado’ torna-se sinônimo de ‘santo’, porque expressa que a pessoa fiel a Deus e que vive a sua Palavra alcança, na doação de si mesma, a verdadeira felicidade” (GE 63-64).

Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu. “Quando o coração se sente rico, fica tão satisfeito de si mesmo que não tem espaço para a Palavra de Deus, para amar os irmãos, nem para gozar das coisas mais importantes da vida [...] Por isso, Jesus chama felizes os pobres em espírito, que têm o coração pobre, no qual pode entrar o Senhor com a sua incessante novidade. [...] Lucas não fala de uma pobreza ‘em espírito’, mas simplesmente de ser ‘pobre’ (cf. Lc 6,20), convidando-nos, assim, a uma vida também austera e essencial. Dessa forma, chama-nos a compartilhar a vida dos mais necessitados, a vida que levaram os Apóstolos e, em última análise, a configurar-nos a Jesus, que, ‘sendo rico, Se fez pobre’ (2 Cor 8,9)” (GE 67-70).

Felizes os mansos, porque possuirão a terra. “Uma frase forte, neste mundo que, desde o início, é um lugar de inimizade [...] reino do orgulho e da vaidade, onde cada um se julga no direito de elevar-se acima dos outros [...]. Mas Jesus proclama] ‘Aprendeí de Mim, porque sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para o vosso espírito’ (Mt 11,29). Se vivemos tensos, arrogantes diante dos outros, acabamos cansados e exaustos [...] Se nos preocuparmos com as más ações do irmão, [São Paulo] propõe que o abordemos para corrigi-lo, mas ‘com espírito de mansidão’ (Gal 6,1) [...] Os próprios adversários devem ser tratados com mansidão” (cf. 2 Tm 2,25)” (GE 71-73)

Felizes os que choram, porque serão consolados. “O mundo não quer chorar: prefere ignorar as situações dolorosas, cobri-las, escondê-las. Gastam-se muitas energias para escapar das situações de sofrimento, julgando que é possível dissimular a realidade, onde nunca pode faltar a cruz. A pessoa que, vendo as coisas como realmente estão,



Vincent van Gogh, Ramo de amêndoa florescendo em um copo.

Tudo se joga na confiança. “*C’EST LA CONFIANCE et rien que la confiance qui doit nous conduire à l’Amour* – ‘Só a confiança e nada mais do que a confiança tem de conduzir-nos ao Amor’ (Carta 197). Estas palavras tão incisivas de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face dizem tudo, sintetizam a genialidade da sua espiritualidade e seriam suficientes para justificar o fato de ter sido declarada Doutora da Igreja. Só a confiança e ‘nada mais’... Não há outra via que devamos percorrer para ser conduzidos ao Amor que tudo dá. Com a confiança, a fonte da graça transborda na nossa vida, o Evangelho faz-se carne em nós e transforma-nos em canais de misericórdia para os irmãos. É a confiança que nos sustenta a cada dia e nos manterá de pé diante do olhar do Senhor, quando nos chamar para junto de Si” (*C’est la confiance*, CC 1-3).

se deixa trespassar pela aflição e chora no seu coração, é capaz de alcançar as profundezas da vida e ser autenticamente feliz. Esta pessoa é consolada, mas com a consolação de Jesus e não com a do mundo [...] descobre que a vida tem sentido socorrendo o outro na sua aflição, compreendendo a angústia alheia, aliviando os outros” (GE 75-76).

Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. “Jesus diz que [as pessoas que buscam justiça] serão saciadas, porque a justiça, mais cedo ou mais tarde, chega; e nós podemos colaborar para torná-la possível, embora nem sempre a vejamos acontecer [...] É verdade que a palavra ‘justiça’ pode ser sinônimo

de fidelidade à vontade de Deus com toda a nossa vida, mas, se lhe dermos um sentido muito geral, esquecemo-nos que se manifesta especialmente na justiça com os fracos: ‘Procurai o que é justo, socorrei os oprimidos, fazei justiça aos órfãos, defendei as viúvas’ (Is 1,17)” (GE 77-79).

Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. “Dar e perdoar é tentar reproduzir na nossa vida um pequeno reflexo da perfeição de Deus, que dá e perdoa superabundantemente. Por esta razão, no Evangelho de Lucas, já não encontramos ‘sede perfeitos’ (Mt 5,48), mas ‘sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso. Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados;

perdoai e sereis perdoados. Dai e ser-vos-á dado’ (6,36-38)” (GE 81).

Felizes os puros de coração, porque verão a Deus. “Quem tem um coração simples, puro, sem imundície [...] sabe amar e não deixa entrar na sua vida algo que atente contra esse amor, algo que o enfraqueça ou coloque em risco [...] O Senhor] procura falar-nos ao coração (cf. Os 2,16) e nele deseja gravar a sua Lei (cf. Jer 31,33) [...] É verdade que não há amor sem obras de amor, mas esta bem-aventurança lembra-nos que o Senhor espera uma dedicação ao irmão que brote do coração” (GE 83-85).

Felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus. “Os pacíficos são fonte de paz, constroem paz e amizade social. Aqueles que cuidam de semear a paz, Jesus faz uma promessa maravilhosa: ‘serão chamados filhos de Deus’ (Mt 5,9). Aos discípulos, pedia-lhes que, ao chegar a uma casa, dissessem: ‘A paz esteja nesta casa!’ (Lc 10,5). A Palavra de Deus exorta cada crente a procurar, juntamente ‘com todos’, a paz (cf. 2 Tim 2,22), pois ‘é com a paz que uma colheita de justiça é semeada pelos obreiros da paz’ (Tg 3,18)” (GE 88).

Felizes os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino do Céu. “Para viver o Evangelho, não podemos esperar que tudo à nossa volta seja favorável, porque muitas vezes as ambições de poder e os interesses mundanos jogam contra nós. São João Paulo II declarava ‘alienada é a sociedade que, nas suas formas de organização social, de produção e de consumo, torna mais difícil a realização deste dom e a constituição dessa solidariedade’ (*Centesimus annus*, CA 41). Em uma tal sociedade alienada, enredada em uma trama política, mediática, econômica, cultural e mesmo religiosa, que estorva o autêntico desenvolvimento humano e social, torna-se difícil viver as bem-aventuranças, podendo até a sua vivência ser mal-vista, suspeita, ridicularizada” (GE 91).

A grande regra de comportamento. “No Evangelho segundo Mateus, Jesus volta a deter-se em uma destas bem-aventuranças: a que declara felizes os misericordiosos [...] Neste texto, encontramos precisamente uma regra de comportamento com base na qual seremos julgados: ‘Tive fome e destes-Me de comer, tive sede e destes-Me de beber, era peregrino e recolhastes-Me, estava nu e destes-Me que vestir, adoeci e visitastes-Me, estive na prisão e fostes ter comigo’ (Mt 25,35-36) [...] O Senhor deixou-nos bem claro que a santidade não se pode compreender nem viver prescindindo destas suas exigências, porque a misericórdia é o ‘coração pulsante do Evangelho’ (*Misericordiae Vultus*, MV 12)” (GE 95-97).



Instagram olharintegral

Onde o mistério transparece. O maravilhamento cristão não deriva de efeitos especiais, de mundos fantásticos, mas do mistério da realidade: não há nada mais maravilhoso e surpreendente do que a realidade! Uma flor, um pedaço de terra, uma história de vida, um encontro... O rosto enrugado de um idoso e a face recém-desabrochada de uma criança. Uma mãe que tem ao colo o seu filho e que o amamenta. É ali que o mistério transparece! (Primeiras Vésperas da Solenidade de Maria Santíssima Mãe de Deus e Te Deum de Ação de Graças pelo ano que passou, 31/dez/2021).

Tomado pelo maravilhamento

“Deixemos que esta experiência, impressa no Evangelho, se imprima também nos nossos corações e transpareça na nossa vida. Deixemos que o maravilhamento jubiloso do Domingo de Ramos se irradie nos pensamentos, nos olhares, nas atitudes, nos gestos e nas palavras [...] Não se trata de uma *maquiagem!* Vem de dentro, de um coração imerso na fonte desta alegria, como o de Maria Madalena, que chorou pela perda do seu Senhor e não acreditava nos seus olhos, quando O viu ressuscitado. Quem faz esta experiência torna-se testemunha da Ressurreição, porque em um certo sentido ele mesmo, ela mesma, ressuscitou. Então, é capaz de levar um ‘raio’ da luz do Ressuscitado às diversas situações: às felizes, tornando-as mais bonitas e preservando-as do egoísmo; às dolorosas, levando serenidade e esperança (Regina Caeli, 21/abr/2014).

Para que a vida não se torne cinzenta. “Maravilhar-nos: a isto somos chamados hoje, na conclusão da Oitava de Natal, com o olhar ainda fixo no Menino que nasceu para nós, pobre de tudo e rico de amor. Maravilha: é a atitude que devemos ter no começo do ano, porque a vida é um dom que nos possibilita começar sempre de novo, mesmo da condição mais baixa. Mas hoje é também o dia para nos maravilharmos diante da Mãe de Deus: Deus é um bebê nos braços de uma mulher, que alimenta o seu Criador. A imagem que temos à nossa frente mostra a Mãe e o Menino tão unidos que parecem um só. Tal é o mistério de hoje, que suscita uma maravilha infinita: Deus ligou-Se à humanidade para sempre [...] No início do ano, pedimos-Lhe a graça de nos maravilharmos perante o Deus das surpresas. Renovamos a maravilha das origens, quando nasceu em nós a fé [...] A vida, sem nos maravilharmos, torna-se cinzenta, rotineira; e de igual modo a fé. Tam-

Nas reflexões do Papa Francisco aparece, frequentemente, a palavra italiana estupore, difícil de traduzir para o português. Refere-se não tanto ao “estupor” da língua portuguesa, mas sim, a um maravilhamento cheio de surpresa, ao espanto diante da grandeza do amor recebido, a um fascínio que nos abre a toda a realidade. Quem mergulha na espiritualidade de Francisco, percebe que esse maravilhamento é mais do que um sentimento interior, é uma postura que favorece a alegria na adversidade e a ternura para com todos.

bém a Igreja precisa de renovar a sua maravilha por ser casa do Deus vivo, Esposa do Senhor, Mãe que gera filhos; caso contrário, corre o risco de assemelhar-se a um lindo museu do passado” (Homilia de Maria Santíssima Mãe de Deus, 1/jan/2019).

Apesar das dificuldades, a realidade tocada pelo Mistério é fascinante. “Não se pode celebrar o Natal sem maravilhamento! Mas uma maravilha que não se limite a uma emoção superficial, ligada à exterioridade da festa ou, pior ainda, a um frenesi consumista. Se o Natal se reduzir a isto, nada mudará: amanhã será igual a ontem, o próximo ano será como o ano passado, e assim por diante. Significaria aquecer-nos por alguns instantes em um fogo de palha, sem nos expormos com todo o nosso ser à força do Acontecimento, sem compreender o âmago do mistério do nascimento de Cristo.

E o cerne é este: ‘O Verbo fez-se carne e habitou entre nós’ (Jo 1,14) [...] Maria Santíssima, Mãe de Deus, é a primeira testemunha, a primeira e a maior, e, ao mesmo tempo, a mais humilde. A maior porque a mais humilde. O seu coração está cheio de maravilhamento, mas sem sombra de romantismos, afetações, espiritualismos. Não! A Mãe restitui-nos à realidade, à verdade do Natal [...]

Irmãos, irmãs, o maravilhamento

de Maria, o maravilhamento da Igreja está repleto de gratidão [...] Deus não abandonou o seu povo, veio, está próximo, é Deus conosco. Os problemas não desapareceram, as dificuldades e as preocupações não faltam, mas não estamos sozinhos: o Pai ‘enviou-nos o seu Filho’ (Gl 4,4)” (Primeiras Vésperas da Solenidade de Maria Santíssima Mãe de Deus e Te Deum de Ação de Graças pelo ano que passou, 31/dez/2021).

Fonte de esperança. “Não se renda à noite: recorde que o primeiro inimigo a vencer não está fora de você, mas dentro. Não conceda espaço aos pensamentos amargos, obscuros. Este mundo é o primeiro milagre que Deus realizou, Deus pôs nas nossas mãos a graça de novos prodígios. Fé e esperança procedem juntas. Crieia na existência das verdades mais elevadas e belas. Confie no Deus Criador, no Espírito Santo que move tudo para o bem, no abraço de Cristo que espera cada um de nós no final da nossa existência; creia, Ele espera-o. O mundo caminha graças ao olhar de tantas pessoas que abriram frestas, que construíram pontes, que sonharam e acreditaram; até quando ao redor deles ouviam palavras de escárnio.

Nunca pense que a luta que enfrenta na terra seja totalmente inútil. No final da existência, não nos espera um naufrágio: em nós palpita uma semente de absoluto. Deus não desilude: se pôs uma esperança nos

nossos corações, não a quer esmagar com frustrações contínuas. Tudo nasce para florescer em uma primavera eterna. Também Deus nos criou para florescermos. Recordo aquele diálogo, quando o carvalho pediu à amendoeira: “Fala-me de Deus”. E a amendoeira floresceu.

[...] Se um dia se assustar, ou pensar que o mal é demasiado grande para ser derrotado, pense simplesmente que Jesus vive em você. E é Ele que, por meio dele, com a sua mansidão quer submeter todos os inimigos do homem: o pecado, o ódio, o crime, a violência; todos os nossos inimigos [...] Se a amargura o atinge, creia firmemente em todas as pessoas que ainda trabalham pelo bem: na sua humildade está a semente de um mundo novo. Frequente pessoas que conservaram o coração como o de uma criança. Aprenda da maravilha, cultive a admiração” (Catequese sobre “Educar para a esperança”, 20/set/2017).

Abertura à totalidade. “Pascal interrogava-se: ‘Que é um homem na natureza? Um nada comparado com o infinito, um tudo comparado com o nada’ (Pensamentos, Nº 199). É a mesma pergunta que aparece no Salmo 8, no centro de uma história de amor entre Deus e o seu povo, realizada na carne do ‘Filho do homem’, Jesus Cristo [...] A tal interrogativo, expresso em uma linguagem muito diferente das linguagens da matemática e da geometria, Pascal nunca se fechou. Na base disto, parece-me poder reconhecer nele uma atitude de fundo, uma ‘abertura maravilhada à realidade’, que é abertura às outras dimensões do saber e da existência, abertura aos outros, abertura à sociedade [...] Estava atento aos problemas então mais sentidos, bem como às necessidades materiais de todos os componentes da sociedade em que vivia” (Sublimitas et miseria hominis).